

Educação | vol. iv
dilemas contemporâneos

Lucas Rodrigues Oliveira
organizador



Pantanal Editora

2020

Lucas Rodrigues Oliveira
Organizador

EDUCAÇÃO
DILEMAS CONTEMPORÂNEOS
VOLUME IV



Pantanal Editora

2020

Copyright[©] Pantanal Editora
Copyright do Texto[©] 2020 Os Autores
Copyright da Edição[©] 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora

Edição de Arte: A editora. Imagens de capa e contra-capa: Canva.com

Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandris Argentele-Martínez – Tec-NM (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI

- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>Educação [recurso eletrônico] : dilemas contemporâneos: volume IV / Organizador Lucas Rodrigues de Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 124p.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-88319-33-8 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319338</p> <p>1. Educação. 2. Aprendizagem. I. Oliveira, Lucas Rodrigues de. CDD 370.1</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos e-books e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es) e não representam necessariamente a opinião da Pantanal Editora. Os e-books e/ou capítulos foram previamente submetidos à avaliação pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação. O download e o compartilhamento das obras são permitidos desde que sejam citadas devidamente, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais, exceto se houver autorização por escrito dos autores de cada capítulo ou e-book com a anuência dos editores da Pantanal Editora.



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

A educação foi profundamente afetada pelas consequências da pandemia do Covid-19 – assim como foram afetadas muitas outras áreas, como a economia e as relações sociais. A necessidade do distanciamento social – situação necessária para evitar a proliferação da doença – obrigou as escolas do Brasil e do mundo a adotarem um ensino remoto. Nesse contexto, os abismos relacionados à educação ficaram ainda mais evidentes; boa parte dos alunos de escolas públicas não conseguiu acompanhar as aulas remotas, por falta de internet ou das tecnologias necessária.

Apesar de não focar apenas nesse momento excepcional da educação no Brasil, esse volume do livro “Educação: Dilemas Contemporâneos” irá propor temas que englobam várias situações do processo educacional, em diferentes etapas da educação básica e do ensino superior.

Dessa forma, é possível apontar alguns temas principais dessa obra: a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais; questões relacionadas à disciplina e indisciplina dos alunos no ambiente escolar; apontamento sobre avaliação externa; a evasão dos alunos universitários e docência no ensino superior.

Além desses temas, destaca-se a reflexão sobre as metodologias ativas – em que se busca colocar o aluno como protagonista no processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, há capítulos que refletem sobre a utilização da horta no ambiente escolar e também sobre o trabalho pedagógico utilizando de filmes na sala de aula.

Assim, o presente livro tem o objetivo de contribuir para a democratização do ensino no Brasil, pois, por mais que avanços nesse sentido já sejam notados, ainda é visível o abismo que separa uma parte dos estudantes brasileiros de outra parte menos privilegiada.

Lucas Rodrigues Oliveira


SUMÁRIO

Apresentação	4
Capítulo I	6
O cinema no contexto educacional da sala de aula	6
Capítulo II	16
Educação: a disciplina em sala de aula no desafio da gestão de corpos	16
Capítulo III	30
Os indicadores da avaliação externa em matemática no Brasil.....	30
Capítulo IV	42
Metodologias ativas no processo formativo em enfermagem na construção do cuidado	42
Capítulo V	52
A participação da família no processo de alfabetização: um estudo de caso no ensino fundamental ...	52
Capítulo VI	63
Docência do Ensino Superior: o papel dos docentes em Manaus – AM.....	63
Capítulo VII	69
Potencialidades de uso de horta escolar para o ensino de Biologia: percepção dos estudantes de Ensino Médio.....	69
Capítulo VIII	88
Evasão, um fenômeno ainda recorrente nas universidades federais brasileiras: indicadores na Universidade Federal do Pará Campus Altamira	88
Capítulo IX	105
Programa de Apoio ao Estudante com Deficiência: inclusão e permanência de PcD na Universidade Federal da Paraíba.....	105
Índice Remissivo	123

O cinema no contexto educacional da sala de aula

Recebido em: 30/09/2020

Aceito em: 20/10/2020

 10.46420/9786588319338cap1

José Erildo Lopes Júnior^{1*} 

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de inquietações surgidas no decorrer da prática escolar em uma escola municipal de Ouro Preto – MG. Para tanto, faremos uso das respostas obtidas por meio de um questionário previamente entregue a um grupo de 24 professores pertencentes a esta instituição de ensino mineira. Em pesquisa preliminar, constatei que o ensino voltado para o educador como autor da própria prática é um modelo contemporâneo com grande possibilidade de render frutos motivadores em sala de aula, porém tem sido explorado de forma superficial por alguns professores. Considero que essa proposta pode render um retorno positivo dos alunos aos professores ao se sentirem estimulados por esta dinâmica, dentro do contexto escolar.

Ele surgiu diante da forma como era utilizado cotidianamente, muitas vezes de forma mecânica, limitadas a uma aula de 50 minutos sem discussão posterior, por alguns educadores. Seu público alvo foram professores do turno matutino com experiência de sala de aula variando desde o estágio inicial da docência até professores com quase 25 anos de sala de aula. Esses educadores se mostraram disponíveis e todos os questionários entregues foram devolvidos.

O foco do trabalho foi flexibilizar a maneira como os conteúdos curriculares têm sido trabalhados em sala de aula buscando discutir como essa abordagem é feita a partir da utilização dos filmes ou vídeos como proposta de um cinema na escola.

Nesse sentido, Oliveira (2006) destaca que o cinema pode ser considerado um instrumento científico, pois “possibilitou vários tipos de experimentos e o registro de ocorrências em condições inóspitas ou não discerníveis a olho nu, permitindo observações repetidas e análises detalhadas, com a separação de instantes”. Assim, “muito da percepção que temos da história da humanidade talvez esteja irremediavelmente marcada pelo contato que temos/tivemos com as imagens cinematográficas” (Duarte, 2002).

Dentro desse contexto, o professor tem papel fundamental. Ele deve estimular o trabalho em equipe que permita uma dinâmica conectada dividindo, nas discussões, o grupo dos entrevistadores e

¹Doutorando em Educação em Ciências e Matemática – UFPA.

* Autor(a) correspondente: juniormat2003@yahoo.com.br

entrevistados a fim de aprofundar a compreensão. Além disso, que promova metodologias claras sem deixar lacunas no objetivo da proposta para que todos fiquem cientes desde o início da atividade qual a dinâmica envolvida possibilitando avaliações e testes que dialoguem entre si.

CINEMA, EDUCAÇÃO E SALA DE AULA

Em uma sociedade globalizada e dinâmica, a leitura de imagens é extremamente necessária às práticas educativas a fim de vencer dificuldades, rejeições, aulas monótonas e desinteressantes, facilmente encontrado nos filmes que possuem um potencial pedagógico para motivar e colaborar na apresentação dos conceitos para os alunos. Sendo assim, o educador pode descobrir nas cenas o processo de escolarização e retirar delas reflexões que instiguem os alunos a raciocinar, mais profundamente, ligando o filme ao conhecimento. Alencar (2007) afirma o seguinte:

O cinema possibilita o encontro entre pessoas, amplia o mundo de cada um, mostra na tela o que é familiar e o que é desconhecido e estimula o aprender. Penso que o cinema aguça a percepção a torna mais ágil o raciocínio na medida em que, para entendermos o conteúdo de um filme, precisamos concatenar todos os recursos da linguagem fílmica utilizados no desenrolar do espetáculo e que evoluem com rapidez.

Com sua característica interativa, dinâmica, capaz de prender a atenção do aluno e interligar com o conhecimento já disponibilizado em seu cotidiano, os vídeos, se pensados de forma planejada e criativa pode ser utilizado como um recurso pedagógico e audiovisual diferente a fim de atender com qualidade as necessidades da sociedade. Entretanto, é fundamental definir os conhecimentos prévios que o aluno deve ter para assisti-los e pensar nas possíveis discussões que podem ser geradas na sala de aula relacionando os filmes aos conteúdos curriculares.

Nessa ação pedagógica, é importante que os professores atuem como mediadores e facilitadores desse processo, ou seja, realizando a mediação entre o mundo do cinema e os alunos, atuando como um facilitador da aprendizagem que revê constantemente as suas práticas pedagógicas, que não impõe verdades e que nem é uma autoridade absoluta nessa proposta pedagógica (Viana et al., 2011).

Para tanto, pode-se trabalhar com obras de divulgação científica na área educacional através da aproximação, atração e motivação por meio de filmes, músicas, documentários, entrevistas, cinemasetc, não sendo utilizadas como meros suportes na transmissão tradicional da informação, mas como fonte válida de pesquisa e auxiliar importante da investigação científica. Contudo, em sua utilização, faz-se necessário um planejamento especificando os objetivos, as questões para debate e a forma de avaliação dos alunos, tudo isto conectado a proposta e aos mais variados conteúdos.

(...) os filmes devem ser escolhidos pela articulação dos conteúdos e conceitos (a serem) trabalhados (ou já trabalhados) tendo-se em mente o conjunto de objetivos e metas a serem atingidas na disciplina. Por isso, certamente não serão encontrados filmes próprios para todos os

conteúdos, tendo de haver conexão do conteúdo do filme a ser trabalhado com a disciplina lecionada (Viana, 2010).

Dessa forma, a didática da matemática deve ser estimulada pelo ser crítico podendo optar por cenas e não eles na íntegra para a partir desses recortes conduzir discussões, reflexões e questionamentos, pois, segundo Litwin (2000), “pensar criticamente requer tolerância para compreender posições dessemelhantes e criatividade para questionar-se”.

Para isso, o professor precisa ser criativo, cooperador, inovando sempre a aula ao utilizar metodologias e recursos que possam produzir aprendizagem com significado, uma vez que o ensino é reflexo de uma sociedade altamente dependente das mais variadas tecnologias, o que determina que a escola as acompanhe, absorvam e sejam por elas influenciadas.

(...) Os fatores que costumam influir no desenvolvimento e na adequação das atividades são: possibilidades técnicas e organizativas na exibição de um filme para a classe; articulações com o currículo e/ou conteúdo discutido com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos; adequação à faixa etária e etapa específica da classe na relação ensino-aprendizagem (Napolitano, 2004).

Nesse direcionamento, embora seja integrante na contemporaneidade a utilização de fragmentos de filmes como agentes motivadores para a aprendizagem dos conceitos ainda é tímida, mesmo sabendo que ao assistirem a história narrada nos vídeos os estudantes identificam-se, incomodam-se, comovem-se, alegram-se e atuam. Devido à dificuldade de alguns educandos quanto à leitura pode haver resistência em filmes legendados. Portanto, optar pelos dublados pode ser uma alternativa ou insistir na prática da leitura de forma sutil.

(...) o cinema pode cumprir um papel saudável e esclarecedor no processo de escolarização. Não há como compreender a comunicação imagética sem o pensamento, sem o esforço intelectual. O acesso fácil às imagens não quer dizer um fácil entendimento de suas formas (Carmo, 2003).

Diante dessa perspectiva, trechos de filmes podem ir além das interpretações superficiais das produções audiovisuais, visto que estão ligados com a percepção de mundo que se quer realizar, relacionando fatos históricos, pessoas e acontecimentos em geral. Podem estabelecer significado com o contexto estudado por basear-se na vida social, nos fatos do cotidiano e na vida do estudante ao mesmo tempo em que podem formar dentro da mente dos espectadores mundos transbordantes de possibilidades mesmo sabendo que determinada obra é ficção. Assim, Alencar (2007) explica:

A aprendizagem hoje não se dá só na escola, mas também fora dela, principalmente através dos meios de comunicação de massa, dentre eles o cinema. Nada melhor, então, do que aproveitar para educar e instruir jovens com as imagens, os sons e a linguagem cinematográfica como uma fonte a mais de conhecimento.

A partir dessa identidade, o filme nas aulas de matemática pode ser utilizado para introduzir, exemplificar ou complementar o conteúdo matemático, não se restringindo, apenas, a demonstração de

fórmulas ou equações, mas como ferramentas para motivar ao possibilitar a aproximação, atração e incentivo dos estudantes. Contudo, é preciso prepará-los conscientizando os alunos que a informação que deve ser retirada do filme nem sempre está explícita nas cenas, podendo ser subentendida em uma fala, em um cenário, em um modo de agir dos personagens.

Os filmes funcionam como campos de problematização moral, pois colocam valores em discussão para espectadores de distintas origens e tradições morais e culturais. A apresentação de situações de conflito, em que determinadas decisões são tomadas tendo como referência estes ou aqueles guias de valor, esta ou aquela norma de ação moral, leva os espectadores a analisar e (algumas vezes colocar em cheque), suas crenças e pressupostos, porém dificilmente, pode impor-lhes a adoção de valores muito distintos daqueles que eles compartilham nos espaços de sociabilidade por onde transitam (Seton et al., 2004).

Em concordância com o exposto anteriormente, se bem planeja e conectado com uma linguagem fácil o filme, logo nos primeiros minutos, pode proporcionar interesse no estudante despertando e instigando o que irá acontecer nas cenas seguintes, uma vez que a motivação produzida pelas cenas transcende as diferenças de desempenho acadêmico dos estudantes dentro da sala de aula. Logo, como prática educativa, o filme pode ser uma ferramenta adequada no processo ensino-aprendizagem, pois permite aos alunos sentirem-se motivados a aprender e viver a experiência do personagem.

(...) o vídeo parte do concreto, do visível, do imediato que atua em todos os sentidos, teremos sempre ao nosso alcance, recortes visuais proporcionados por essa tecnologia. O vídeo é um meio tecnológico que nos permite experienciar sensações do outro, do mundo e de nós mesmos (Santos, 2010).

Levando em consideração esses aspectos, é importante que a proposta não seja apenas de assistir, sem um roteiro que explore aspectos fundamentais a compreensão, mas que ultrapasse possibilidade de se confundir este momento como apenas um entretenimento, interligando os aspectos teóricos e práticos acerca de determinado tema, assim como haja planejamento para acompanhá-lo sem interrupções acompanhada de discussões enquanto as ideias pulsam na mente dos estudantes. E ainda que a escolha do filme seja coerente com o conteúdo a ser trabalhado estimulando os alunos à pesquisa e aos debates temáticos e não como utilizados em algumas escolas para “tapar buracos” ou enfatizar alguma ilustração. Para Xavier (2008),

Cinema que educa é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é “passar conteúdos”, mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável.

Por tudo isso, por ser uma arte visual, permite ao espectador se abster temporariamente da linguagem escrita, fato beneficiador para os que não dominam. Contudo, deve-se ter cuidado para não optar por filmes muito longos, pois podem gerar cansaço e inquietação dos alunos, assim como distração

e perca de objetivo da proposta. “A criança mobiliza-se em uma atividade, quando se investe nela, quando faz uso de si mesma como de um recurso, quando é posta em movimento por móveis que remetem a um desejo, um sentido, um valor (Charlot, 2000).

METODOLOGIA

A seguinte proposta foi aplicada em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Ouro Preto/MG. Para tanto, foram entregues um questionário para 24 professores das áreas de língua portuguesa, língua inglesa, matemática, história, geografia, ciências, artes, ensino religioso e educação física, prevalecendo o público feminino como 19 professores e 5 do sexo masculino, todos do turno da manhã. Elas se estruturavam acerca das seguintes questões:

1. Você acha que os meios de comunicação pode ser considerada uma fonte válida de pesquisa?
2. Você considera filme como material educativo?
3. Você utiliza filmes como prática pedagógica em sala de aula?
4. Aos que usam, após a utilização, o que é pedido?
 - a) Síntese do filme
 - b) Respostas objetivas
 - c) Respostas subjetivas
 - d) Utiliza somente para horário vago com falta de professor
5. Você já experimentou aproximar a sala de aula à realidade de um cinema?

A finalidade dessas perguntas era responder o questionamento principal deste artigo: os conteúdos curriculares e a prática didática em sala de aula através de vídeos em formato de cinema conversam entre si?

Com os questionários em mãos, pudemos perceber que o grupo de professores entrevistados tem uma preocupação em manter um plano de ensino com aplicação de metodologias dinâmicas, tendo o aluno como centro do processo, onde o professor interage como mediador, facilitador e ativador.

RESULTADOS

Apresentamos a seguir as respostas que foram propostas a um grupo de educadores, referente ao questionário aplicado, observando sua representação através de gráficos.

Dessa forma, no que se refere à primeira questão em que se pergunta se os meios de comunicação podem ser considerados uma fonte válida de pesquisa, obtivemos 17 respostas afirmando que sim, 5 respostas afirmando que não e 2 talvez. Com isto, podemos ver a preocupação e ciência que os educadores desta instituição de ensino têm quanto a necessidade de estarem em um constante repensar de práticas diante de um cenário de ensino que exige interatividade entre educadores e educandos.

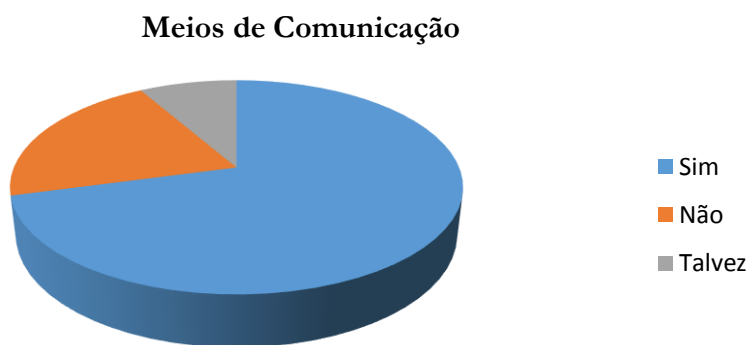


Figura 1. Cenário de Ensino Interativo. Fonte: os autores.

Referente à segunda pergunta, em que se questionava se os professores consideravam o filme como material educativo, obtivemos 20 respostas afirmando que sim, 3 respostas com talvez e 1 afirmando que não. Diante dessa realidade, percebe-se que os educadores veem os vídeos como uma proposta pedagógica que pode flexibilizar o contexto de sala de aula.

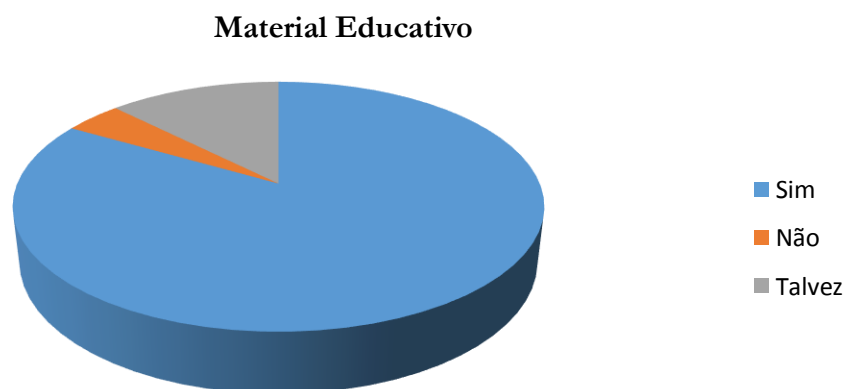


Figura 2. Proposta pedagógica flexível. Fonte: os autores.

Quanto à terceira questão, em que se pergunta acerca da utilização dos filmes como prática pedagógica em sala de aula, contabilizamos 20 respostas positivas, 3 talvez e 1 resposta negativa. Aqui a grande maioria faz uso constante em sua prática. Porém, o cuidado e a atenção que se deve ter é para que esta prática não fique repetitiva visto que os estudantes gostam de ser surpreendidos com metodologias inovadoras e que despertam a curiosidade.

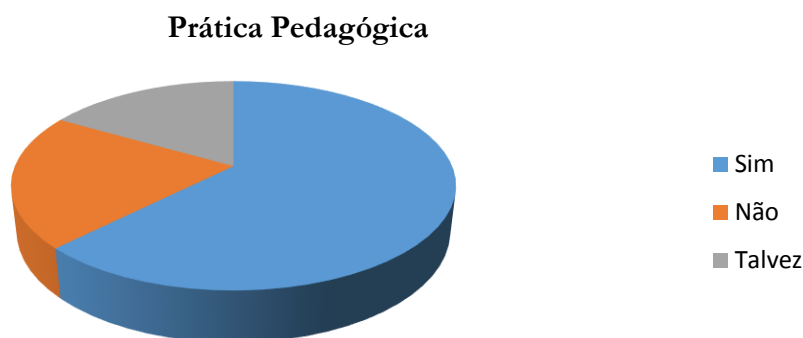


Figura 3. Metodologia diferenciada. Fonte: os autores.

Quanto a quarta questão, que questiona sobre o que é solicitado após a utilização do filme em sala de aula, 11 responderam que propõe uma síntese do filme, 2 que propõe respostas objetivas, 4 respostas subjetivas, 3 utiliza somente para horário vago com falta de professor. Aqui percebemos que mais da metade não utiliza como uma proposta “tapa-buraco” sem um roteiro pedagógico específico, mas que estimula, através da síntese, desafiar os alunos a escrever de forma crítica e reflexiva o que foi apreendido. Porém, o que causa espanto são os que insistem na utilização para cumprimento de carga horária, apenas, sem um plano pedagógico prévio.

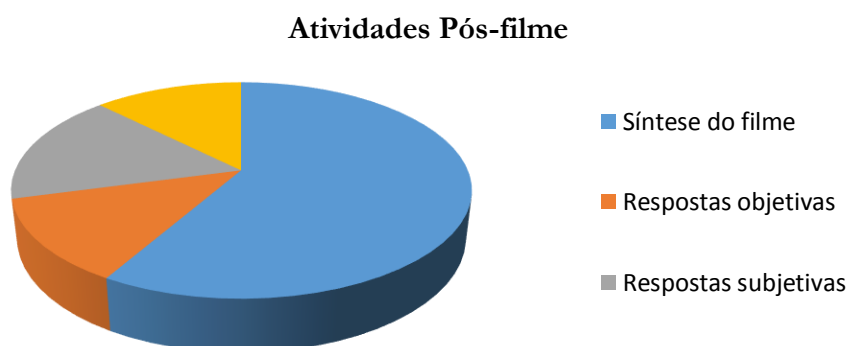


Figura 4. Prática com roteiro pedagógico específico. Fonte: os autores.

Quanto à quinta questão, em que pergunta se os professores já experimentaram aproximar a sala de aula à realidade de um cinema, 12 responderam que sim, 11 que não, 1 talvez. O que nos chama a atenção com essa pergunta é a proximidade alcançada com as respostas em relação a utilização ou não da realidade de um cinema como prática escolar.

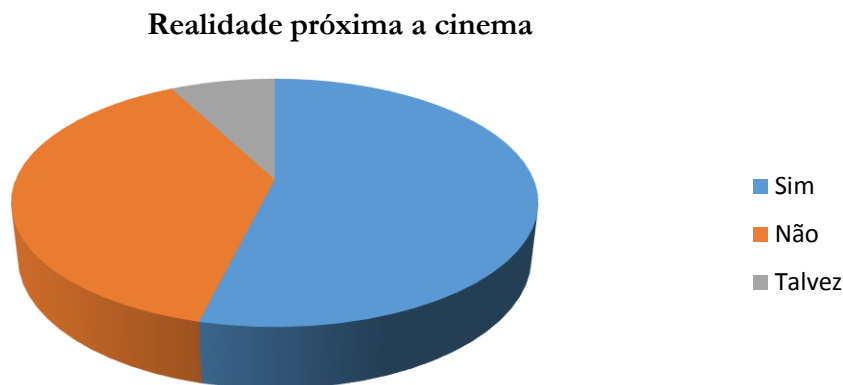


Figura 5. Relevância do cinema como prática escolar. Fonte: os autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho percebemos que os conteúdos curriculares e a prática didática em sala de aula através de vídeos em formato de cinema conversam entre si e que o trabalho em equipe é essencial. Para que consigamos aplicar as práticas metodológicas em sala de aula, é fundamental estar conectados toda a equipe escolar como apoio pedagógico e suporte ao professor no que for preciso. Além disso, torna-se necessário a parceria entre colegas para troca ou adequação de horários, caso seja necessário, para que o professor proponha um plano para transmissão do filme sem interrupções ou “quebra” de raciocínio buscando o sucesso e êxito na proposta.

Notamos que não há como propor este modelo de prática sem um planejamento prévio que relacione conteúdo curricular e vídeo, bem como não podemos fixar esse modelo de aula como prática recorrente ou escolher filmes longos que possam provocar distração nos estudantes. É preciso um plano pedagógico definido que estimule os educandos a uma discussão posterior, se necessário uma explicação prévia que sirva de suporte para um melhor entendimento e compreensão, para que ao final sintam-se seguros para as contribuições ou busca por esclarecimentos durante as discussões.

Em vista dos argumentos apresentados, percebemos em conversas isoladas com alguns professores que certas disciplinas dispõem de facilidade para tal aplicação. Os que disseram sentir maior dificuldade afirmaram precisar de um tempo maior para planejamento, fato não muito fácil devido à cobrança no cumprimento dos conteúdos curriculares específicos a cada ano, bem como adaptar uma cultura que as disciplinas de exatas, por exemplo, só atinge sucesso quando repleta de cálculos.

Isto posto, fica claro que não devemos fazer uso dos vídeos apenas para elucidar biografias de autores, datas ou curiosidades específicas, mas através de recortes de cenas estimular a análise crítica dos estudantes. Além disso, propor um modelo pedagógico que foge do convencional, como a realidade de um cinema, não é muito fácil devido ao grande número de alunos no contexto escolar e dificuldade de

acesso a equipamentos de multimídia limitados em muitas escolas a um ou dois para uma quantidade de professores expressiva.

Por fim, é útil aproximar estas práticas à realidade do professor mostrando sua viabilidade ao permitir que os alunos estabeleçam associação entre o filme e o conhecimento. No início, a resistência pode ser mútua, mas quando bem planejado, já no início, pode estimular a curiosidade nas cenas posteriores. Então, o cinema como qualquer outra ferramenta que auxilie ou proporcione a aprendizagem deve ser planejada com antecedência e adequada ao público-alvo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencar SEP (2007). O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina história. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza – CE. 137p.
- Carmo L (2003). O cinema do feitiço contra o feiticeiro. OEI – Revista Iberoamericana de Educación. Número 32: Maio-Agosto 2003. In: <http://www.rioei.org/rie32a04.htm>. Acesso em 09/06/2010.
- Charlot B (2000). Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 55p.
- Duarte R (2002). Cinema & Educação. – Belo Horizonte: Autêntica. 18p.
- Litwin E (2000). Variações sobre a arte de narrar na aula universitária. In: Veiga, Ilma Passos de Alencastro; Castanho, Maria Eugênia L. M (orgs). Pedagogia universitária: a aula em foco. Campinas, SP: Papyrus. 35p.
- Napolitano M (2004). Como usar o cinema em sala de aula. São Paulo: Editora Contexto.
- Oliveira BJ (2006). Cinema e imaginário científico. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, 13(supp 1.0): 16p.
- Santos ALS (2010). O uso de vídeos na escola de tempo integral. Trabalho de Conclusão de Curso (Mídias na Educação - Lato - Sensu) – Secretaria de Educação à Distância – SEED/MEC, Universidade Federal do Rio Grande- FURG, SC06, Pólo Florianópolis, Rio do Sul. s/p.
- Setton MGJ (2004). A cultura da mídia na escola: ensaio sobre cinema e educação. São Paulo: Anablume: USP. 48p.
- Viana MCV (2010). O Cinema na Sala de Aula e a Formação de Professores de Matemática. Mini-curso oferecido aos alunos do Curso de Matemática na UFRRJ. Dia de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais. 18 de maio de 2010. Seropédica- RJ. 12p.
- Viana et al. (2011). O cinema vai à escola: registrando a diversidade cultural na sala de aula. In: VIII SIMPOED- Simpósio de Formação e Profissão Docente, 2011, Mariana-MG. Anais Eletrônicos do VIII SIMPOED-Simpósio de Formação e Profissão Docente. Ouro Preto-MG: UFOP. 5p.

Xavier I (2008). Um cinema que educa é um cinema que (nos) faz pensar. Entrevista. Educação & Realidade, v.33, n.2. Porto Alegre. 15p.

ÍNDICE REMISSIVO**A**

alfabetização, 30, 38, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 85
 alunos com deficiência, 62, 104, 105, 106, 108, 114, 118, 120
 aprendizagem, 7, 8, 9, 14, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 36, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 62, 63, 65, 66, 67, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 81, 83, 85, 86
 autonomia, 18, 27, 47, 59, 65, 67, 81, 82, 85, 106, 109, 112, 114, 118
 avaliações
 em larga escala, 31, 38, 40
 em matemática, 31, 32, 40

C

cinema, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15
 cultivos, 72, 73, 78

D

discente, 28, 47, 48, 49, 50, 53, 63, 76, 101, 108, 109
 disciplina, 7, 14, 16, 17, 18, 19, 22, 24, 25, 29, 35, 53, 54, 66, 68, 69
 docentes, 20, 22, 25, 35, 49, 63, 64, 65, 67, 72, 82, 101, 115, 119

E

educação
 básica, 26, 30, 31, 33, 36, 38, 39, 40, 41
 superior, 50, 87, 101, 103, 104, 119, 121
 enfermagem, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 51
 ensino, 6, 8, 9, 10, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 61, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 116, 120
 fundamental, 16, 30, 38, 39, 52

médio, 31, 35, 37, 38, 40, 68, 70, 72, 77, 79, 82, 84

evasão, 26, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

F

família, 29, 45, 60, 62, 108
 formação, 18, 24, 25, 26, 29, 35, 42, 43, 44, 46, 47, 54, 56, 65, 67, 78, 83, 99, 104, 112, 113, 115, 117, 118, 119, 120

G

gestão, 16, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 58, 103, 110

H

horta escolar, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85

I

inclusão, 24, 25, 49, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121
 indicadores, 30, 31, 32, 33, 36, 38, 40, 87, 99

M

metodologia, 22, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 64, 76, 77, 87, 88
 ativa, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 76

P

percepção, 6, 7, 8, 20, 24, 35, 43, 47, 48, 51, 68, 70, 73, 74
 permanência, 87, 102, 107
 PISA, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40
 planejamento, 7, 9, 13, 22, 32, 56, 71, 98
 prática escolar, 6, 12, 13, 86

S

sala de aula, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 21, 22, 29, 32, 41, 43, 44, 55, 63, 68, 69, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 82, 83, 108, 113, 114, 119

T

transdisciplinaridade, 69, 70, 83, 85

U

Universidade Federal do Pará, 87, 88, 91, 100,
103

 **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo

(2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul. Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.

ISBN 978-658831933-8



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br